

Taylor espiou da trincheira, encarando o cenário aterrorizante lá fora — um verdadeiro inferno na Terra. Hordas de criaturas grotescas rugiam, buscando carne fresca. As paredes de concreto da Guarda Imperial eram cercadas por legiões de gárgulas grotescas, criaturas aladas que giravam em espirais sinistras no céu. O solo outrora árido agora estava coberto por manchas esbranquiçadas e negras, como se toda a terra se contorcesse viva, como mãos famintas tentando arrancar as almas dos soldados. Cápsulas de bio-massa despencavam do céu, lançando mais insetos e esporos. Os canhões antiaéreos tentavam abatê-las, mas muitas ainda chegavam ao solo. Taylor cortou um dos bichos que caiu perto dele, enquanto Franstein torrava outros com seu lança-chamas. — Esse mundo tá perdido! — rosou Taylor, no mesmo instante em que uma enorme nave Imperial se despedaçava na atmosfera, seus destroços brilhando como cometas antes de se esfacelarem. Fragmentos caíram como um presságio do Apocalipse, e Taylor se agarrou à trincheira, gritando para Roland: — Prepare mais munição! Os orks, entretanto, estavam em êxtase. — Lute com o chefe, ganhe mais porrada! — gritavam, atirando-se para a batalha com gargalhadas. Eles adoravam aquilo: munição à vontade, inimigos aos montes e muita carnificina. Simples assim. Seus tratores enferrujados levantavam voo com um ronco agonizante, duvidando-se se conseguiriam pousar em algum lugar. Enquanto eles enfrentavam as gárgulas no céu, as Valkyrias da Guarda Imperial cruzavam os ares, metralhando as hordas de xenomorfos. Quando uma cápsula explodiu perto de Taylor, liberando três guerreiros-insetos, uma Valkyria os reduziu a pedaços com rajadas de balas. Taylor levantou o polegar em agradecimento, mas um segundo depois, o avião foi dilacerado por monstros voadores com presas afiadas. Taylor murmurou uma prece rápida pelos mortos antes de atirar em uma criatura que tentava flanqueá-lo. Ele não queria admitir, mas já estava expert em matar insetos. Talvez fosse adaptação — ou os treinamentos brutais em Scadia, seu mundo natal, onde até então gerara um Senhor Solar. Mesmo mil anos depois, isso ainda enchia o peito de Taylor de orgulho. Scadia não era uma fortaleza gigante, mas estava longe de ser fraca. Próxima ao Grande Redemoinho, nunca faltavam armas ou guerras por lá. Taylor fora treinado como um Tempestus Scion, embora não soubesse disso — para ele, era só um treino militar normal, igual ao de seu passado. Mas a verdade era que, em qualquer outro lugar, ele seria considerado um especialista de elite. Só que esse universo não perdoava fraquezas. Quando os insetos mergulhavam em mais um ataque, Taylor só conseguia pensar em como segurar a linha. — Flanco direito, Roland! Metralhadora pronta! — ordenou, brandindo sua lâmina com mestria contra as gárgulas. Comparado a um Astarte do Caos, aqueles bichos eram apenas vermes irritantes. Mas ele sabia: ainda não haviam mandado os melhores. — Isso vai virar uma guerra de desgaste — um voz ecoou atrás dele. Um Astarte dos Tubarões Devoradores arrancou um inseto guerreiro ao meio com seu machado motosserra antes de estender a mão para Taylor. — Ouvi dizer que você é o homem dos milagres. Espero que dessa vez também nos traga a vitória. — Isso é lenda. Não há milagres aqui, só morte — respondeu Taylor, limpando o sangue negro do rosto. O céu estava mais escuro que nunca. A situação era desesperadora — mesmo se vencessem, como escapariam sem naves? Mas então... uma névoa roxa começou a se espalhar, acompanhada por risadas perturbadoras e um grito de guerra que fez Taylor revirar os olhos. — Pelo Imperador! Ninguém na Guarda Imperial gritava algo tão... vulgar. Mas ajuda era ajuda. Os Astartes do Caos avançavam, a névoa sendo obra da feiticeira deles — um veneno psíquico que só afetava os insetos, diminuindo seus reflexos. O Astarte dos Tubarões franziu o cenho. — Não confio nesses hereges, mas você sabe escolher aliados. Só lembre-se: depois dos insetos, eles serão o próximo problema. Sua arma hesitou entre mirar os xenomorfos ou os traidores. Taylor ordenou que os soldados mantivessem as posições. Se conseguissem infligir perdas suficientes, os insetos recuariam. A única esperança era desgastá-los até que a invasão não valesse mais a pena. Pelo menos, tinham um patrocinador generoso. Munição não ia faltar.

Capítulo 136 - Linha de Fogo, Parte 1 Para ser sincero, só o pelotão do Tyler já tinha disparado três caixas inteiras de munição. Se não fosse pelo dono daquele clã de mercadores obcecado em extrair seu "material genético", e pelo fato de ele agora ser um agente da Inquisição... Ele até pensava em desistir. Felizmente, a dama não sabia desse pensamento, senão poderia usar isso contra ele para cumprir sua "missão de coleta"... Mas ao olhar para o campo de batalha, Tyler soltou um sorriso amargo e

abandonou essas fantasias tolas. Atirar. Essa era a única solução para sobreviver naquela situação desesperadora. — O amanhecer chegou, 5h14 no horário padrão de Terra, e Tyler acordou entorpecido. Ele recolheu sua lona impermeável, sacudiu a poeira do corpo e guardou cuidadosamente as latas e garrafas vazias da noite anterior em uma caixinha. O recipiente já estava abarrotado daqueles objetos, a ponto de parecer que ele tinha virado um catador de lixo. — Será que os Orks mudaram meus genes? — brincou consigo mesmo. Mas os ataques dos insetóides já duravam dias. Os bombardeios nas trincheiras não o abalavam mais. Ele saiu do buraco que cavara como refúgio, coberto pela carcaça enorme do veículo Frankstein. Era uma proteção perfeita contra estilhaços e balas perdidas. A maioria das mulheres dormia dentro do veículo, um privilégio, então só restava aos homens se amontoarem ali embaixo. Tyler rastejou para fora do veículo e contou meticulosamente os recipientes, garantindo que cada soldado tivesse recolhido os seus. Então, ele esticou o pescoço, dolorido. Roland e outros soldados do 15º Pelotão haviam dormido amontoados ao seu lado, alguns em posições tão estranhas que pareciam ter sido derrubados no sono. Dormir assim era quase pior que ficar acordado. Entre o barulho incessante da artilharia da Guarda Imperial e os ataques dos canhões de plasma dos insetóides, sem contar o medo constante da morte, era um milagre alguém manter a sanidade. Tyler bocejou, exausto. O cansaço até ajudava a esquecer o terror, mas agora, acordado, o pesadelo continuava. Às vezes, ele se perguntava se o sonho era pior que a realidade... ou se ambos eram igualmente horríveis. Ele fez uma rápida higiene bucal com a escova de dentes e o enxaguante distribuídos pelo Império, depois mastigou algumas barras insípidas de amido — o "café da manhã" temporário das forças armadas. Ao chegar na linha de frente, com uma xícara de café recém-preparada na mão, cumprimentou um companheiro no meio dos tiros e dos gritos dos insetóides. — Ei, Hans, quanto tempo eles já estão atacando? O soldado esfregou o rosto coberto de poeira, irritado. — A noite inteira, comandante! A maldita luz dos holofotes de fósforo quase cegou meus olhos. Tyler, com pena, entregou-lhe o café quente. Aqueles homens ainda teriam uma hora de manutenção de equipamentos antes de poderem descansar. Sem café, muitos desmaiariam antes. Ele já vira um soldado cair de cara num purê de batata recém-feito. O cara só recebeu um curativo rápido e voltou pra luta. Outro não teve tanta sorte — dormiu durante a manutenção, a arma explodiu no dia seguinte, e sua mão virou carne carbonizada. O médico de campo improvisou um membro artificial só pra ele continuar lutando. Que lealdade... Tyler bocejou novamente ao se aproximar do comandante do 16º Pelotão, o Subtenente Charles. — Bom dia, que o Imperador nos proteja. Como está a situação? — Os insetóides estão ficando mais agressivos — respondeu o subtenente. — Os Filhos do Imperador já recuaram da frente de batalha. Esses monstros estão imunes a ataques sonoros e poderes psíquicos agora. — Para ser sincero, o rádio está cada vez pior. Se não fosse por aquele forte de guerra, já estaríamos mortos. — Os Astartes, os Tubarões Devoradores, estão protegendo o quartel-general. Será que fomos abandonados? Tyler deu um tapinha no ombro dele. — Não seja tão pessimista, irmão. O Imperador nos protege... provavelmente. A última palavra saiu quase inaudível. O oficial, exausto, não percebeu e apenas respondeu: — Sim, meu comandante. Com um sorriso encorajador, o homem saiu do posto de comando, deixando Tyler mergulhado em preocupação. Ele começou a coordenar os soldados usando códigos e gestos — com as comunicações por rádio quase inúteis, era a única opção. Enquanto as balas e canhões automáticos rugiam, Tyler pegou um binóculo e observou os insetóides despedaçados no campo. Eles evoluíam rápido. Os Têmurens agora tinham carapaças mais escuras e resistentes, imunes a armas leves e ondas sonoras. Tyler já sabia disso, mas não esperava que a situação piorasse tanto em menos de uma semana. Sua tropa mal tinha descansado e já enfrentava uma nova ameaça. Pelo menos ele tinha um plano. Só não sabia se funcionaria. E não podia deixar de admirar — com raiva — a capacidade de adaptação daquele enxame. Aqueles malditos seres evoluíam conforme a batalha, uma verdadeira raça guerreira. O bloqueio que impunham contra ondas eletromagnéticas e poderes psíquicos era quase tático. Até a Dama Feiticeira, antes tão poderosa, agora estava enfraquecida. Ela ainda podia rasgar um humano comum sem esforço, mas nada comparado ao que fazia antes, quando enfrentava hordas de insetóides psíquicos. Era óbvio: o enxame era muito mais perigoso do que a humanidade imaginava. Quase como uma força da

natureza. Tyler sentiu o pessimismo tomar conta. — O Imperador já não brilha sobre nós... Estamos perdidos. Ele tinha um pressentimento: os insetóides estavam se preparando para um novo ataque em massa. Rezou para não estar na linha de frente quando chegasse a hora. Até usou o Tarô do Imperador para tentar prever o futuro, mas o soldado que fez a leitura olhou para ele como se já estivesse morto. Agora, só restava repetir que o Tarô deveria ser lido por um psíquico... e tentar acreditar nisso. Assim que Taylor avistou as gárgulas se multiplicando no horizonte, sua ansiedade atingiu o limite.— Que azar! Ele pegou o telefone. Nesse momento, as comunicações eletrônicas normalmente falhariam nove em dez tentativas — mas ali era diferente. Havia uma linha direta com o comando central, uma conexão física que driblava a interferência dos insetos. Mesmo assim, só alcançava o quartel-general. Os oficiais dependiam de gritos, sinais manuais e mensageiros — quem quer que estivesse por perto — para se comunicar. Quando a chamada foi atendida, a voz rouca do velho Teckis trouxe um frágil alívio a Taylor. A resposta, porém, foi só uma ordem seca:— Os Tubarões Devoradores já estão a caminho. Aguentem firme!

<http://portnovel.com/book/29/5003>